



ISSN: 2175-5493

XI COLÓQUIO DO MUSEU PEDAGÓGICO

14 a 16 de outubro de 2015

CORPO, TRANSEXUALIDADE E DISCURSO: ENTRE ANORMALIDADES E LIBERDADES

Ricardo Andrade Amaral¹¹
(UESB)

Nilton Milanez¹²
(UESB)

RESUMO

Esse trabalho toma como questão principal a construção discursiva da noção de transexualidade a partir da análise do curta-metragem baiano *Joelma*, de Edson Bastos. Enquanto construção histórica, a transexualidade produz muito mais do que uma simples curiosidade em relação à sexualidade, estendendo-se à sua produção discursiva. Por meio do discurso médico propomos analisar até que ponto o curta-metragem, através de suas estratégias cinematográficas, mostra o corpo transexual como algo anormal ou se essa condição de sujeito estaria alçada a uma prática libertária.

PALAVRAS-CHAVE: CORPO. Transexualidade. Discurso.

INTRODUÇÃO

Esse trabalho toma como questão principal a construção discursiva da noção de transexualidade como algo anormal ou libertário, a partir da análise do curta-metragem baiano “Joelma”, de Edson Bastos. Para pensar a discursividade do

¹¹ Mestrando do Programa de Pós-Graduação em Memória: Linguagem e Sociedade da UESB - Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia. Pesquisador do Labedisco/Uesb - Laboratório de Estudos do Discurso e do Corpo, sob coordenação do Prof. Dr. Nilton Milanez. www.uesb.br/labedisco. *E-mail*: ricardo.a.amaral@hotmail.com

¹² Pós-doutorado em Discurso, Corpo e Cinema pela Sorbonne Nouvelle – Paris III. Professor Titular do Departamento de Estudos Linguísticos e Literários na Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia e atua nos Programas de Pós-graduação em “Linguística” e “Memória: Linguagem e Sociedade”, na Uesb. É líder do Labedisco/CNPq – Laboratório de Estudos do Discurso e do Corpo. www.uesb.br/labedisco. *E-mail*: nilton.milanez@gmail.com



ISSN: 2175-5493

XI COLÓQUIO DO MUSEU PEDAGÓGICO

14 a 16 de outubro de 2015

corpo transexual, verificaremos por meio de um recorte teórico dos postulados foucaultianos; questões que dão a ver as possibilidades de existência de um corpo que busca se transformar em outro. Em análise, tomamos ainda como suporte teórico, os escritos que dizem sobre a produção audiovisual, tratando das estratégias cinematográficas, que num encadeamento de planos, constrói materialidades analíticas.

Nos últimos cinco anos, a temática da transexualidade circulou nas produções cinematográficas baianas com maior visibilidade, sendo realizados quatro filmes em formato de curta-metragem, os quais compõem o *corpus* do meu projeto de pesquisa, sendo eles: *Joelma* (2011, Direção: Edson Bastos), *Da Alegria, do Mar e de Outras Coisas* (2012, Direção: Ceci Alves), *Desvelo* (2012, Direção: Clarisse Rebouças) e *Jessy* (2013, Direção: Paula Lice, Rodrigo Luna e Ronei Jorge). As quatro produções têm como fio condutor a exibição de corpos que, de alguma maneira, fogem à regra do que se construiu socialmente como um corpo normal. Como já foi dito acima, tomaremos o curta-metragem *Joelma* como materialidade fílmica para análise nesse trabalho.

No nível narrativo, a personagem Joelma é uma transexual, que historicamente possui uma vida marcada por conflitos. Diante das divergências vividas na família, é posta para fora de casa e resolve se mudar para Salvador. Lá, conhece Antônio, mendigo, e passam a viver juntos. Estimulada pelo companheiro, Joelma resolve fazer a cirurgia de Redesignação Sexual, assumindo a condição de mulher. Tempos depois, ao retornar para Ipiaú, sua cidade natal, vê todos os seus sonhos serem destruídos por João, pivô do assassinato que mudará sua história.

Enquanto construção histórica, a transexualidade produz muito mais do que uma simples curiosidade em relação à sexualidade, estendendo-se à sua produção discursiva. No curta-metragem, a narrativa apresenta o processo constitutivo do corpo transexual, no qual a personagem Joelma, imersa nas suas relações sociais, produz um discurso para o corpo-sujeito transexual, como por exemplo, no momento em que se submete à cirurgia de transformação do seu sexo.



ISSN: 2175-5493

XI COLÓQUIO DO MUSEU PEDAGÓGICO

14 a 16 de outubro de 2015

Historicamente, a transexualidade instituiu-se pelos caminhos do diferente, de algo que foge à regra, de algo anormal, ou ainda, um monstro humano. Segundo Foucault (2001, p. 69), o “monstro humano” é aquele que constitui “[...] em sua existência mesma e em sua forma, não apenas uma violação das leis da sociedade, mas uma violação das leis da natureza”.

A partir da ideia de anormalidade, buscamos pensar por outro lado, se essa transformação do corpo-homem em corpo-mulher seria para este sujeito uma prática libertária. Entendemos que o sujeito transexual apresenta uma sensação de desconforto ou impropriedade de seu próprio sexo anatômico e deseja fazer uma transição de seu sexo de nascimento para o sexo oposto. É nesse giro de 180 graus que o corpo se submete, que propomos analisar, por meio de extratos fílmicos do curta-metragem *Joelma*, até onde o corpo transexual se mostra como liberdade para o sujeito, apesar dos discursos que interpõe políticas de gerência sob a vida.

DISCURSO MÉDICO E A ANORMALIDADE

Dentre tantos discursos que poderíamos nos apropriar nesse momento para tratar da anormalidade, elegemos o discurso médico devido à sua relação direta no processo de transformação do corpo transexual, com seus aparatos tecnológicos e farmacológicos que dão a ver tal transformação. Ainda sobre essa questão, apontamos exatamente para a relação de saber-poder médico sobre o corpo que busca, através da cirurgia de Redesignação Sexual, adequar suas relações com a vida e consigo, prioritariamente em outro corpo ao qual o sujeito afirma ser condizente ao seu desejo:

o corpo transexual na ordem heteronormativa é vigiado por diversos campos de saber-poder, como por exemplo, a Psiquiatria. O sujeito transexual só pode se submeter à cirurgia após diversos exames que interroga a subjetividade do pretendente e autorizam (ou não) o procedimento cirúrgico. Assim, temos um poder disciplinar perpetrado sobre o corpo transexual, alçado para um discurso coletivo, na esfera das políticas do corpo, autorizado pelo saber médico. (AMARAL; MILANEZ, 2014, p. 220)



ISSN: 2175-5493

XI COLÓQUIO DO MUSEU PEDAGÓGICO

14 a 16 de outubro de 2015

Historicamente e em batimento com o saber-poder do discurso médico, tomamos o entendimento de anormalidade teorizado por Michel Foucault (2001) para pensar a monstruosidade para a transexualidade nos curtas-metragens enquanto uma contradição da lei. É a infração das leis naturais levada a grau máximo. O transexual, esse sujeito que transforma seu corpo em outro corpo, estaria violando as leis da sociedade, como também as leis da natureza. Pelo menos, essa é uma vertente discursiva que circula na nossa sociedade atual, não tendo absoluta afirmação. Sabemos que existe uma parcela que toma o discurso da transexualidade como algo inerente à condição humana dentro de uma história.

O entendimento da anomalia enquanto uma “combinação do impossível com o proibido” (FOUCAULT, 2001, p. 70), nos leva a pensar que para a sociedade, a transexualidade, demonstra a sua capacidade de produzir inquietação, tendo em vista que violaria a lei. Segundo Foucault (2001), o anormal, sendo o modelo de todas as pequenas diferenças, seria também o princípio de inteligibilidade de todas as formas da anomalia, promovendo a emergência da norma (o considerado como normal). Esse ponto de vista leva à ideia de que nós, diante da transexualidade enquanto contradição da lei, além de sermos colocados frente ao pavor da possibilidade de transformação do corpo, também nos coloca frente a discursos que muito podem dizer a respeito das marcas históricas e jurídico-sociais do nosso mundo, já que a produção da anormalidade em alguns filmes pode ser um registro dessas mudanças, como analisa Milanez, ao afirmar que

[...] se produzem, de um lado, discursos de exclusão e intolerância, baseados na representação da desordem instaurada por monstros, demônios e vampiros; de outro, denomina-se uma ordem a ser seguida, mostrando em negativo como devemos ser e nos portar socialmente (MILANEZ, 2011, p. 32).

Retomando o discurso médico, pelo fato de encarregar-se da vida, mais do que a ameaça da morte, que tal discurso pode apropriar-se dos processos



biológicos para controlá-los e eventualmente modificá-los. Com efeito, para Foucault (1988, p. 128),

se pudéssemos chamar de “bio-história” as pressões por meio das quais os movimentos da vida e os processos da história interferem entre si, deveríamos falar de “biopolítica” para designar o que faz com que a vida e seus mecanismos entrem no domínio dos cálculos explícitos, e faz do poder-saber um agente de transformação da vida humana.

Trata-se de uma política da vida porque os novos objetos de saber, que se criam a serviço do novo poder, destinam-se ao controle da própria espécie humana; e a população é o novo conceito que se constrói para dar conta de uma dimensão coletiva que até então não havia sido uma problemática no campo dos saberes.

A população é esse “novo corpo: corpo múltiplo, corpo com inúmeras cabeças, se não infinito, pelo menos necessariamente numerável” (FOUCAULT, 1999, p. 292). As políticas da vida vão se ocupar, portanto, com os processos biológicos relacionados à população, estabelecendo sobre a mesma uma espécie de regulamentação. E, para compreender e conhecer melhor esse corpo é preciso não apenas descrevê-lo e quantificá-lo – por exemplo, em termos de nascimento e de mortes, de fecundidade, de morbidade, de longevidade, de migração, de criminalidade, etc. –, mas também jogar com tais descrições e quantidades, combinando-as, comparando-as e, sempre que possível, prevendo seu futuro por meio do passado (DANNER, 2010).

Portanto, uma das possibilidades históricas da noção de anormalidade para o corpo transexual está imbricada na construção do saber médico sobre o corpo, pois é esse saber que num domínio de atualidade, autoriza ou não a cirurgia de mudança de sexo. Essa autorização que dará a uma parcela da sociedade a possibilidade de reafirmar o corpo anormal transexual. Mas, como já problematizamos acima, essa transformação, mesmo que autorizada por um discurso médico, estaria promovendo uma prática de liberdade para o sujeito?



Vejamos a seguir na análise dos extratos fílmicos do curta-metragem *Joelma* essa possibilidade. O método de análise fundamenta-se no pensar as formas de encadeamento e sucessão (FOUCAULT, 2008), a partir das sequências extraídas em fotogramas.

Breve Análise De Duas Sequências: Anormalidade Ou Prática Libertária?

Tomando o cinema como dispositivo que traz o sujeito do seu foco à visibilidade e ao (re)conhecimento através dos seus regimes de saber e poder, entendemos que os recursos audiovisuais efetuam produções de sentido que problematiza a transexualidade na esfera da anormalidade como uma monstruosidade, fixando e mantendo a sua composição através da repetição e multiplicação de discursos, verbais e não-verbais.

A organização das imagens das cenas que compõem os curtas-metragens, em uma sequência de significações, se dá por meio de uma organização baseada em um tipo de enumeração específica. As cenas se ligam sob a égide de parâmetros que nos fazem perguntar que “relações existem entre ela e [...] porque essa enumeração e não outra?” (FOUCAULT, 2000, p. 49). Tal ordenação discursiva indica posicionamentos que demonstram uma preocupação com o encadeamento imagético no fio de uma sequência narrativa visual, apontando um lugar para o qual devemos nos debruçar, destacando o que tornou possível determinado encadeamento, quais os conjuntos de relações que ela faz aparecer, quais objetos de saber ela indicará e quais as significações para o agrupamento de certos planos.

A seguir, apresentamos, primeiramente, três fotogramas¹³ nos quais debruçaremos nossa análise.

¹³ Agradecemos gentilmente o consentimento do diretor Edson Bastos para uso das imagens do curta-metragem.



Fig (1) Cena de extirpação do pênis.



Fig (2) Cena de extirpação do pênis.



Fig (3) Cena de extirpação do pênis.

Os três fotogramas apresentam uma sequência fílmica do início do curta-metragem, na qual a personagem principal Joelma se encontra num centro cirúrgico submetida ao trabalho do profissional da medicina, onde seu pênis é extirpado do corpo e jogado numa bacia logo ao lado da cama hospitalar.

Como estratégia cinematográfica, temos nessa sequência a utilização do *close* que “devidamente escolhido e filmado com destreza agrega impacto dramático e clareza visual ao acontecimento” (MASCELLI, 2010, p. 199). A evidência do impacto dramático, e por sua vez, horrorífico da cena se dá justamente pelo *close* da câmera na parte do corpo mostrado que é o pênis, e que socialmente é uma parte do corpo que deve ser escondido, e não mostrado. Ainda para este autor, “os closes são um dos recursos narrativos mais poderosos disponíveis ao diretor. Eles devem ser reservados para destaques de vital importância para a história, a fim de que alcancem o efeito visual pretendido” (MASCELLI, 2010, p. 199).

Gostaríamos de nos ater, nesse momento, ao segundo fotograma. Neste, a câmera nos mostra uma bacia branca, com restos de materiais utilizados na cirurgia e que nos remete a um lugar sujo. E é nessa bacia que o pênis, retirado do corpo, vai ser jogado. A partir daí, podemos pensar, numa produção de sentido, que de fato o corpo transexual é algo a ser rejeitado e retoma a noção de anormalidade posta por Foucault (2001) quando diz que o monstro humano foge às leis da natureza, e conseqüentemente, contradiz essa lei. Portanto, a cena em questão, aponta para uma anormalidade do corpo transexual. Verificamos também, o saber/poder médico posto na construção discursiva da cena, pois é tal profissional quem realiza a cirurgia e está autorizado para tanto, constituindo, assim, uma política de vida que apropria e controla os processos biológicos do corpo.

No entanto, no decorrer do curta-metragem, encontramos outro encadeamento de planos que mostra a personagem Joelma num corpo-mulher, num ato sexual com seu companheiro. Vejamos a sequência de fotogramas.

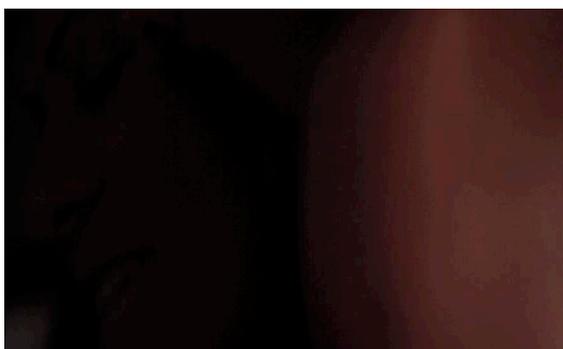


Fig (4) Cena de sexo entre os personagens.



Fig (5) Cena de sexo entre os personagens.

Essa sequência de dois fotogramas nos mostra uma relação sexual. O primeiro, mais uma vez toma como estratégia cinematográfica o *close*, no qual marca bem o rosto da personagem; um rosto de mulher. O segundo, numa estratégia de profundidade de campo, coloca o espectador praticamente dentro da cena.



ISSN: 2175-5493

XI COLÓQUIO DO MUSEU PEDAGÓGICO

14 a 16 de outubro de 2015

Nessa análise, buscamos pensar a posição da mulher na cena. Observamos que o posicionamento do corpo da personagem é deitado com as costas virada para o homem, e o mesmo está por cima da mulher, dando a ver uma relação de dominação do sexo masculino sob o sexo feminino. Para Foucault (1979, p. 127), “o sexo sempre foi o núcleo onde se aloja, juntamente com o devir de nossa espécie, nossa ‘verdade’ de sujeito humano”. A verdade da relação sexual do corpo-mulher (não apontamos, especificamente nessa cena, um corpo-transsexual, pois imageticamente o que se coloca em cena é um corpo-mulher) com o corpo-homem, nos fotogramas, está justamente nesse posicionamento dos corpos, no qual o homem se impõe sobre a mulher.

Sendo assim, no encadeamento dos planos, o curta-metragem teria alçado o lugar de monstruosidade do corpo-sujeito transsexual para uma prática libertária? Teremos uma breve resposta na conclusão.

CONCLUSÕES

Retomando o objetivo do trabalho, que tem como proposta analisar a construção discursiva do corpo transsexual no curta-metragem *Joelma*, apontando-o para um corpo anormal ou para uma liberdade desse corpo, no momento em que decide transformar-se de corpo-homem em corpo-mulher, foi possível analisar que num primeiro momento a personagem tem seu corpo transformado e que a cena e as estratégias cinematográficas utilizadas dão a ver e a pensar que estamos diante de um corpo anormal, pois lhe foi retirado o pênis. No segundo momento da análise, a personagem, enquanto mulher, faz sexo com o companheiro. É nesse ponto que queremos concluir nossa escrita. Ao mesmo tempo em que as imagens compõem um discurso de liberdade para esse sujeito, que conseguiu transformar seu corpo, modificando algo que trazia repulsa, coloca-o num lugar de submissão a outro corpo. Portanto, nas relações sociais, apesar de conseguirmos em micro-acontecimentos alcançar uma liberdade desejada, por outro lado somos



ISSN: 2175-5493

XI COLÓQUIO DO MUSEU PEDAGÓGICO

14 a 16 de outubro de 2015

capturados por outros discursos que nos inserem novamente numa rede de saberes/poderes sob o nosso corpo.

REFERÊNCIAS

- AMARAL, Ricardo; MILANEZ, Nilton. **Transexualidade: corpo e discurso no curta-metragem “Joelma”, de Edson Bastos**. In.: Outros corpos, espaços outros. Vitória da Conquista: Labedisco, 272p., 2014.
- DANNER, Fernando. **O Sentido da Biopolítica em Michel Foucault**. Revista Estudos Filosóficos, nº 4, 2010.
- FOUCAULT, Michel. **Microfísica do poder**. Organização e tradução de Roberto Machado. Rio de Janeiro: Edições Graal, 1979.
- FOUCAULT, Michel. **História da Sexualidade I: A Vontade de Saber**. Rio de Janeiro: Graal, 1988.
- FOUCAULT, Michel. **Em Defesa da Sociedade**. São Paulo: Martins Fontes, 1999.
- FOUCAULT, Michel. **A ordem do discurso**. São Paulo: Edições Loyola, 2000.
- FOUCAULT, Michel. **Os Anormais**. Curso no Collège de France (1974-1975). São Paulo: Martins Fontes, 2001.
- FOUCAULT, M. **A arqueologia do saber**. Tradução de Luiz Felipe Baeta Neves, 7ª ed., Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2008.
- MASCELLI, Joseph V. **Os cinco Cs da cinematografia: técnicas de filmagem**. Tradução de Janaína Marcoantônio. São Paulo: Summus Editorial, 2010.